

**UMA MEMÓRIA REENCONTRADA: OS (DES)CAMINHOS NA  
TRAJETÓRIA DE PONCIÁ VICÊNCIO, DE CONCEIÇÃO EVARISTO\***

Flávia Santos de Araújo – UEPB

No fervilhar atual das novas tendências nas teorias dos estudos culturais e de gênero, procuro pensar a questão da representação identitária da mulher negra na literatura brasileira. Neste percurso, paro para observar e analisar o caminhar de Ponciá Vicêncio, mulher negra, protagonista do romance homônimo publicado em 2003 por Conceição Evaristo, escritora negra (não só de um, mas de dois romances – o outro é *Becos da memória*, de 2006 – e de vários poemas e contos), mineira, radicada no Rio de Janeiro, que, assim como eu e algumas outras, aventura-se na crítica literária acadêmica, especialmente aquela que estuda a produção literária afro-brasileira. O percurso que faço aqui está centrado no percurso da própria Ponciá Vicêncio e sua busca por um (re)encontro com suas origens, sua identidade, seu passado e seu presente. Em meio à fragmentação imposta pela diáspora negra, pela escravatura e pela pobreza extrema, a narrativa de Evaristo conduz a sua protagonista à reconstrução de uma memória histórica e cultural afro-descendente, usando a figura do Vô Vicêncio, avô paterno de Ponciá, como elemento metonímico das rupturas e das desconexões sociais e culturais, mas também como símbolo da confluência dos elementos que caracterizam a formação identitária da protagonista.

Neste percurso, por vezes me deparo com os questionamentos-fundadores do feminismo (o que é a “mulher”? como definir o sujeito do feminismo?) e com outras

---

\* Este ensaio é um recorte de minha dissertação de mestrado intitulada *Uma escrita em dupla face: a mulher negra em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo*, defendida em maio de 2007, na UFPB, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Liane Schneider.

questões que ainda compõem o repertório atual do pensar e repensar a crítica feminista: de que sujeito “mulher” falamos?; como definir uma “escrita” ou “voz feminina” na chamada “literatura de mulheres”?; que textos fazem parte desta categoria?

Segundo Nelly Richard (Cf, RICHARD, 2002: 132), crítica e teórica chilena, qualquer escrita estaria marcada pela tensão dialética entre várias forças de subjetivação, sendo que a predominância de uma delas dentro da trama textual é que poderia identificar a escrita como feminina/transgressora ou masculina/estabilizante. A partir deste ponto, Richard passa a defender a utilização do termo “feminização da escrita” - em substituição do termo “escrita feminina” – ao mesmo tempo em que rejeita qualquer tipo de correspondência entre a marca biológica (ser mulher) e a identidade cultural (escrever como mulher). O que caracterizaria a feminização da escrita seria, então, a capacidade do texto de transgredir o discurso hegemônico, preestabelecido, como explica a autora:

(...) feminização que se produz a cada vez que uma poética, ou uma erótica do signo, extravasa o marco de retenção/contenção da significação masculina com seus excedentes rebeldes (corpo, libido, gozo, heterogeneidade, multiplicidade), para desregular a tese do discurso majoritário. Qualquer literatura que se pratique como *dissidência da identidade*, a respeito do formato regulamentar da cultura masculino-paterna, assim como qualquer escrita que se faça cúmplice da ritmicidade transgressora do feminino-pulsátil, levaria o coeficiente minoritário e subversivo (contradominante) do “feminino”. (RICHARD, 2002: 133, grifo da autora)

Meu posicionamento referente à marca do “feminino” na escrita vai, até certo ponto, ao encontro da idéia de Richard sobre a feminização da escrita, entendendo que

sob esta perspectiva é possível um olhar não-hermético sobre as questões da autoria feminina na literatura, abrindo a possibilidade de articulação entre textos e sujeitos diversos. Contudo, percebo aí algumas limitações, uma vez que, ao percorrer a trajetória de Ponciá Vicêncio, por exemplo, faço também outro trajeto, paralelo, propondo uma *re-visão* da história da literatura brasileira e questionando o modo pelo qual o sistema hegemônico, simultaneamente sexista e racista, impôs uma versão da história literária em que as vozes de escritoras negras brasileiras foram marginalizadas ao longo dos anos. Assim, trazer a tona estas vozes é um ato que pressupõem uma afirmação subjetiva na escrita. Revelar as vozes e o ato da escrita das mulheres negras como constituintes da literatura brasileira, como é o caso de Conceição Evaristo, é também transgredir os códigos normativos que regem o contar da história literária. As experiências e os traços da memória cultural simbolicamente (re)construídos dentro da trama textual das escritoras brasileiras negras promovem a articulação das possibilidades de leitura dos próprios textos e as múltiplas identidades neles representadas.

A feminista negra estadunidense, bell hooks demonstra, em várias de suas análises, que, no caso das mulheres negras, os mecanismos de opressão funcionam segundo uma dinâmica que correlaciona o racismo e o sexismo. Uma dinâmica que impõe determinados papéis às mulheres negras na sociedade, impondo-lhes uma série de estereótipos e forjando esquemas de representação fixos que povoam as práticas sociais e o imaginário coletivo, práticas essas que legitimam e alimentam o próprio sistema de dominação patriarcal e racista. No ensaio intitulado “Intelectuais negras”, traduzido e publicado no Brasil pela *Revista estudos feministas* em 1995, bell hooks aborda o demonstra de que maneira a história qualificou a mulher negra como aquela altamente marcada

pelo sexo, atrelando-a ao papel da perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado que precisava ser controlado:

Essas representações inculcaram na cabeça de todos que as negras eram só corpo, sem mente. A aceitação cultural dessas representações continua a informar a maneira como as negras são encaradas. Vistos como “símbolo sexual”, os corpos femininos negros são postos numa categoria, em termos culturais, tida como bastante distante da vida mental. Dentro das hierarquias de sexo/raça/classe dos Estados Unidos, as negras sempre estiveram no nível mais baixo. O *status* inferior nessa cultura é reservado aos julgados incapazes de mobilidade social, por serem vistos, em termos sexistas, racistas e classistas, como deficientes, incompetentes e inferiores. (HOOKS, 1995: 440)

No Brasil, os mecanismos de opressão que cruzam a categoria de gênero com outras categorias, particularmente a étnico-racial, são escamoteados nas práticas sociais e, não raro, dentro do próprio discurso feminista, mas não deixam de produzir um forte esquema de representação simbólica e desastrosas conseqüências para uma análise e crítica mais amplas do patriarcado e suas múltiplas formas de atuação.

Em termos de temática, *Ponciá Vicêncio* promove uma releitura de nossa própria história, na medida em que narra, da infância à fase adulta, a trajetória da protagonista Ponciá Vicêncio em busca da reconstituição de seus elos familiares, memória e identidade. Através de uma construção narrativa que não marca categorias de tempo e espaço específicos, a história de Ponciá é contada a partir de uma trama que se afasta de modelos mais lineares ao apresentar uma narrativa entrecortada, na qual passado e presente se fundem, mesclando recordação e devaneio, exigindo que seja decifrada, tantas são as idas e vindas no tempo e os *flashbacks* inseridos como cortes narrativos, promovendo um efeito de quebra-cabeça para quem se aventure na leitura.

Descendentes de africanos escravizados, Ponciá vive, quando criança, junto com os pais e um irmão mais velho, na propriedade rural que sempre pertencera ao Coronel Vicêncio, cujo sobrenome não só indica quem é o dono das terras, mas também das pessoas que ali vivem. A marca do sobrenome do Coronel nos nomes dos descendentes dos antigos escravos da fazenda substitui a antiga tatuagem feita a ferro nos seus corpos. O exercício da opressão apenas toma contornos diferentes, porém continua marcando suas vidas. A terra, pertencente a uma geração de coronéis, foi “repartida”, no passado, entre os negros recém-libertos, sob a condição de que eles – os negros – continuassem ali, trabalhando para os brancos, agora sob um regime de escravidão reconfigurado, segundo o qual a “(...) cana, o café, toda a lavoura, o gado, as terras, tudo tinha dono, os brancos. Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida” (p.82)<sup>1</sup>. Dessa maneira, legitima-se não somente a prática da escravização pós-abolição, como também a continuidade do ciclo de opressão e exploração dos negros e negras das futuras gerações.

Contudo, ao registrar e reconstruir as estratégias de sobrevivência e resistência construídas por aqueles que lutam para quebrar este ciclo, a narrativa confronta e desafia o discurso que cristaliza na escravatura - e nos seus conseqüentes desdobramentos - toda a história dos afro-descendentes. Ponciá não reconhece seu próprio nome e, através de uma postura questionadora que se manifesta já na infância, a protagonista começa a traçar o caminho à procura de si mesma:

Quando mais nova, sonhara até um outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o hábito de ir à beira do rio e lá, se

---

<sup>1</sup> As referências diretas e indiretas ao romance *Ponciá Vicêncio* serão feitas, a partir deste ponto, utilizando-se apenas a paginação, sendo que todas elas remetem a publicação de 2003 pela Mazza Edições.

mirando nas águas, gritava o próprio nome: Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si. Inventava outros. Pandá, Malenga, Quietí, nenhum lhe pertencia também. Ela, inominada, tremendo de medo, temia a brincadeira, mas insistia. A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém. (p.16)

A vontade de deixar o povoado rural é, para Ponciá Vicêncio, mais um indício de sua resistência. Ao perceber as amarras sociais que a prendem a uma vida marcada pela miséria, pelas condições desumanas de subsistência e pela exploração material e psicológica que acompanham todas as gerações das famílias negras da roça, a protagonista decide arriscar-se na construção de um modo diferente de vida - aquele que possivelmente traria dignidade para ela e para os seus. Contudo, a narrativa mostra que a cidade representa para Ponciá apenas uma reconfiguração do sistema de opressão que a cerca: em sua primeira noite na cidade, dorme na rua e no frio; nos dias que seguem, Ponciá consegue um emprego de doméstica, encaixando-se, assim, no padrão imposto para uma mulher negra e pobre no contexto urbano; mais adiante, vai morar em barraco de favela, comprado à custa de muito trabalho e economia forçada, levando consigo sempre o sentimento insistente da ausência. Este sentimento de apartação que acompanha a protagonista por toda a narrativa é ressaltado à medida que suas perdas emocionais e materiais aumentam, de modo que não se constitui em um distanciamento apenas geográfico, mas psíquico e identitário.

O sentimento de vazio que acompanha a protagonista ao longo do texto, além de representar um processo de alienação da personagem diante da opressão a que é submetida, também pode estar associado a uma tentativa de reencontro com o passado-presente da memória que compõe sua própria identidade em formação, em transe, em

trânsito. Este mergulho no vazio, muitas vezes recheado pelas lembranças do passado, tem profunda relação com o desejo de compreender a própria trajetória marcada por sucessivas perdas: a morte repentina do pai; o afastamento do lugar onde nascera e da mãe e do irmão; as sucessivas mortes dos sete filhos logo após o nascimento; e, a primeira de todas as perdas, certamente a mais marcante, a morte de seu avô.

No ato de rememorar a vida, Ponciá é freqüentemente remetida à lembrança de seu avô e de uma herança que dele haveria de receber. Todo o enredo conduz Ponciá ao encontro desta herança, anunciada pelo seu próprio pai quando da morte do avô. Na medida em que a narrativa avança, a tal herança ganha novos contornos. Primeiro, ela revela-se na semelhança física entre a menina e o avô, pois ela, logo que aprende a andar, imita o jeito de caminhar do velho que vivia escondendo atrás de seu corpo o braço mutilado anos atrás num ato de desespero. Mais tarde, a revelação se dá quando a menina expressa seu talento no trabalho com o barro e molda a figura de um velho encurvado, com um braço cotó para trás. Maria Vicêncio, mãe de Ponciá, toma um susto ao ver a enorme semelhança entre o homem de barro e Vô Vicêncio e por não entender o mistério que ligava a menina e o avô, contém o espanto, embrulha o objeto em palha de bananeira e esconde-o dentro do baú. Não obstante, o pai de Ponciá examina o homem de barro e, ao constatar que se tratava mesmo de seu pai, entrega-o para a menina, através de um gesto ritualístico: Ponciá recebe o avô-barro como sendo uma autoridade legitimamente constituída para proteger e preservar o tesouro cultural e identitário de sua própria essência. A amputação do braço de Vô Vicêncio, no contexto da narrativa, tem um forte valor simbólico que remete não somente à história da família que protagoniza o romance, mas a história da diáspora africana, marcada por exclusões, ausências, separações sucessivas, loucura, atos brutais de violência, além de perdas e

mutilações identitárias e culturais. Por isso é que entendemos a repetição da imagem do homem-barro e da herança de Vô Vicêncio ao longo do texto como estratégia-chave para acessar a trajetória de deslocamentos e convergências na construção identitária e na representação da mulher negra na figura de Ponciá Vicêncio. Através desta figura de barro – que por sua vez remete a uma atividade predominantemente feminina na cultura afro-descendente - Ponciá remonta seu passado e liga-se a um elenco de outras figuras femininas essenciais na composição de sua identidade: Vô Vicência; a mãe, Maria Vicêncio e Nêngua Kainda, a anciã do povoado que exerce o papel de orientar os mais jovens no encontro de seus destinos.

Após anos de separação de seus familiares, o reencontro de Ponciá, já completamente imersa no seu próprio mundo de lembranças, vazios e devaneios, com a mãe e o irmão não poderia se dar em outro cenário que não o da estação de trem da cidade – metáfora das vidas e identidades em trânsito descritas no enredo, do movimento entre passado e presente nas vidas das personagens e na própria estrutura narrativa. É na cena do reencontro que é revelada o mistério em torno da herança que Vô Vicêncio deixara para a neta: andando em círculos “(...) como se quisesse emendar um tempo ao outro” (p. 132), levando nas mãos o homem-barro, Ponciá remonta sua história, “(...) decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara pra trás”; e percebendo, finalmente, que “A vida era a mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser” (p. 131). Reconduzida ao antigo povoado e às margens do rio – de onde retirava o barro para o trabalho artesanal -, a protagonista mergulha de vez no seu estado de ausência, regado pelos risos e prantos do avô para que, assim, habitando o espaço intermediário, seja reconduzida também a presença de si mesma. Na estrutura narrativa, o fim da história de Ponciá liga-se ao seu começo pela

paisagem do rio sobre o qual se dilui vagorosamente o arco-íris, fechando, desta maneira, o ciclo da trajetória da personagem, como relatado nos dois últimos parágrafos:

E do tempo lembrado e esquecido de Ponciá Vicêncio, uma imagem se presentificava pela força mesmo do peso de seu vestígio: Vô Vicêncio. Do peitoril da pequena janela, a estatueta do homem-barro enviesada olhava meio para fora, meio para dentro, também chorando, rindo e assistindo a tudo.

Lá fora, no céu cor de íris, um enorme angorô multicolorido se diluía lentamente, enquanto Ponciá Vicêncio, elo e herança de uma memória reencontrada pelos seus, não se perderia jamais, se guardaria nas águas do rio. (p. 132)

O romance de Conceição Evaristo estabelece, dessa forma, uma relação dialógica com uma história por vezes silenciada ou relegada à margem do reconhecimento crítico, sem, no entanto, fixar uma leitura pré-determinada dos sujeitos marcados pela afro-descendência. Seu texto recoloca, sobretudo, a figura da mulher como sujeito portador dessa história: Ponciá, como mulher negra, protagoniza e recolhe em si os conflitos, as ambivalências, os processos de exclusão e as marcas de opressão que permeiam uma trajetória individual e coletiva. Além disso, traz para o interior do discurso literário, um sujeito feminino negro representado a partir da contextualização de seu lugar de enunciação, produzindo um “eu” ou um “nós” em processo. Nesta perspectiva, a narrativa de Evaristo, ao mesmo tempo em que move a identificação “mulher” em direção a múltiplos locais de redefinição contextual, cria um espaço de resistência para a reelaboração das múltiplas subjetividades e das vozes de sujeitos

femininos duplamente marginalizados e oprimidos pelos diversos mecanismos do poder patriarcal e racista embutidos na sociedade brasileira.

#### **REFERÊNCIAS:**

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

HOOKS, bell. Intelectuais negras. Trad. Marcos Santarrita. In: *Revista de estudos feministas*, vol. 3, n. 2, 1995. p. 454 – 478.

\_\_\_\_\_. *Yearning: race, gender and cultural politics*. London: Turnaround, 1991.

RICHARD, Nelly. *Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política*. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.